

MICROSCOPIO

O meu penultimo commentario originou as mais opostas interpretações. Alguns entenderam perfeitamente o que eu pretendia dizer, mas outros, e não poucos, attribuiram-me pensamento e ação, que não se coadunariam com todo o meu passado, para não dizer com o meu próprio ser.

E' o risco a que se sujeitam os que escrevem para o público: não serem entendidos, quer por não terem conseguido exprimir-se claramente, quer porque ao leitor faltou no momento a conveniente predisposição mental. E, se o pobre escrevedor, em vez de dizer diretamente as cousas, lança mão da ironia, por lhe ser incómodo, arriscado ou impossível falar de outra forma, então grande se torna a possibilidade de naufrágio.

Que é, com effeito, a ironia? Uma figura que consiste em dizer o contrário do que se pensa e de tal modo que se comprehenda o sentido oculto da zombaria. Basta, portanto, que se esqueça o leitor de fazer a transposição necessária, para que inteiramente se malogre o artificio do escritor e se lhe attribua o contrário do que pretendia dizer.

Foi o que a mim succedeu com o aludido commentario. Alguns, provavelmente muitos me não entenderam. Devo admitir humildemente que, em máxima parte, por inabilidade minha, mas devo dizer também que ali havia um elemento decisivo capaz de corrigir toda a imperícia do comentarista: a sua assinatura. A não ser que eu tivesse subitamente ensandecido, não se poderia interpretar literalmente o que escrevi. Outros diriam aquillo, e muito mais, no sentido próprio. Eu, nunca.

Raul Pillz